

VISÃO DO CORREIO

Técnicas e arte dos povos originários

As tensões entre os povos indígenas e os colonizadores existem desde o início do século 16. Os primeiros a chegar foram os portugueses, seguidos de holandeses, alemães e italianos. Passados mais de 500 anos, os embates não deixam de existir, não só no Brasil, como em vários outros países latino-americanos. “A disputa pelo território está na base desse conflito”, garante o ambientalista e escritor Ailton Krenak. Os colonizadores olharam os povos originários sem considerar a capacidade deles de viver em meio a biomas tão diversos com conhecimento e tecnologia. Ganham terreno e, agora, mais do que nunca, se veem diante de uma crise climática que tensiona a necessidade de estabelecer uma relação mais harmoniosa com o meio ambiente, como faziam os “selvagens”.

Krenak atribuiu os embates ao fato de o Brasil e outros países não terem criado um mecanismo de “integração entre os povos”, na entrevista à jornalista Samanta Sallum (Brasília não acolhe os povos indígenas, *Correio Braziliense*, edição de 16/6, pág.6). Ele é o primeiro indígena a ingressar na Academia Brasileira de Letras (ABL) e a conquistar a cadeira nº 5, antes ocupada pelo historiador José Murilo de Carvalho, morto em 2023, pela escritora Rachel de Queiroz, a primeira mulher a ingressar na ABL, em 1977, e pelo médico Oswaldo Cruz. Em meio a renomados escritores, juristas e artistas, pretende inserir no acervo dos imortais a literatura e a oralidade dos povos indígenas, por meio das histórias contadas há mais de 2 mil anos pelos povos originários.

Igualmente aos descendentes dos colonizadores, os povos da floresta têm histórias para contar e, com elas, ensinar suas tecnologias e técnicas, conquistadas na relação cotidiana e respeitosa com o meio ambiente e longe de serem um usufruto predador da natureza. Os saberes dos antepassados, somados aos dos atuais grandes líderes, poderiam orientar mudanças no comportamento

dos brancos no relacionamento com o patrimônio natural, uma riqueza brasileira invejada por muitas nações.

Muitos grupos foram dizimados pelos adversários ao longo de vários períodos da história do Brasil. A resistência dos povos originários não cedeu. As estratégias de luta mudaram. Hoje, na maioria das aldeias indígenas, há homens e mulheres com formação universitária, em diferentes níveis e profissões. Conseguiram vencer as barreiras ao aprender como lidar com a miscigenada sociedade brasileira e, assim, construíram mecanismos de defesa e reação às agressões.

No Brasil, reconhecido como um dos maiores produtores de grãos do mundo, os indígenas foram os primeiros a implantar o sistema agrofloresta na Amazônia, uma tecnologia que assegura o cultivo de alimentos, sem agredir as espécies nativas dos ecossistemas. No campo da cultura e da arte, deram importantes contribuições por meio de muitos instrumentos de sopro, como as flautas nativas e apitos, os chocalhos e diferentes ritmos percussivos, como os tambores. A arte plumária e a cerâmica dos indígenas, pelas suas técnicas e beleza, têm reconhecimento internacional.

Mas há muitas barreiras e desinteresse dos grandes grupos econômicos e dos sucessivos governos em reconhecer que os povos originários têm sabedoria para repassar aos grupos hegemônicos da sociedade. Os racismos étnico-racial e ambiental contribuem para essa discriminação e depreciação dos grupos indígenas. Ninguém indaga como esses povos sobrevivem a ataques constantes há mais de cinco séculos. A maioria deles sem acesso aos avanços da medicina, da ciência e da tecnologia revolucionária que permite o encontro de pessoas numa pequena telinha do telefone ainda que estejam em diferentes continentes. Uma integração de saberes entre os povos originários, tradicionais e os descendentes de várias outras etnias que aqui chegaram poderia somar boas *ideias para adiar o fim do mundo* (uma das obras de Ailton Krenak).



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Consciência ecológica

O poeta baiano Antônio Carlos de Oliveira Barreto, no cordel *A consciência ecológica que os nossos filhos precisam ter* (2007), chama a atenção para o desequilíbrio ambiental e dos transtornos que, a partir disso, são gerados à natureza. Cuidar do meio ambiente é, por definição, uma tarefa multigeracional. Nos dias atuais, em que a agenda ESG (ambiental, social e de governança, na sigla em inglês) ganhou os holofotes como nunca antes, é fundamental atentar para que iniciativas desse tipo não busquem simplesmente a construção de uma “boa imagem” corporativa, sem refletir um compromisso sólido da instituição com uma agenda de transformação efetiva. Como disse Ailton Krenak, precisamos de “ideias para adiar o fim do mundo”. Diferentemente das atitudes antiecológicas que sustentam o desenvolvimento hegemônico, existem boas ações de natureza ambiental. Um dos grandes debatedores da cosmofobia mundial, Antônio Bispo dos Santos (1959-2023) fez questão de frisar, a partir da perspectiva quilombola, que “somos da circularidade: começo, meio e começo. As nossas vidas não têm fim. A geração avó é o começo, a geração mãe é o meio e a geração neta é o começo de novo” (A terra dá, a terra quer, 2023).

» **Marcos Fabrício Lopes da Silva**

Asa Norte

Executivos

Pode-se pensar que, no país, há carência de executivos, notadamente de bons profissionais. A partir de certas avaliações sobre eles, poderíamos ficar em indicações sobre executivos na administração pública federal. Para um conhecimento melhor, precisa-se de avaliações constantes da administrações federais. Para tanto, há necessidade de fixação de metas, sempre se observando cumprimento delas. Numa linha de conclusão, que se considere: a) executivos, seus currículos na execução, nas experiências profissionais; b) preocupação com qualificação por parte do governo; c) executivos com carreiras, a partir de serem, e de antes, ocuparem cargos públicos.

» **José de Jesus Moraes Rêgo**

Asa Norte

Tragédia gaúcha

Dura constatação. Não tem hora para acabar a agonia, o drama e o sofrimento dos desolados gaúchos. As águas do Rio Taquari subiram novamente. Implacavelmente. Alagando 7 cidades, destruindo casas, plantações, comércio em geral. Adida a volta da alegria. A esperança e a garra dos moradores e voluntários permanecem acesas no coração de todos. Imagens tristes voltaram a magoar olhos e corações dos brasileiros, desde o início solidários com aqueles que perderam tudo. Menos a fé. O que foi salvo e reconstruído corre o risco de novamente virar barro, lama e angústia.

» **Vicente Limongi Netto**

Lago Norte

Inferno

“O inferno são os outros”. Essa é a famosa frase de Jean-Paul Sartre. E nada é mais real e mais trágico do que essa frase de Sartre para associar ao presidente Lula a combinação de ódio e ignorância. Uma das verborreia de Lula

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Tem que tirar os ladrões das ruas. Nossa Asa Norte está jogada às traças, ou melhor, aos ladrões!

Elizabeth Lobato — Asa Norte

“A grandeza não consiste em receber honras, mas em merecê-las”, Aristóteles, 360 a.C.

Humberto Pellizzaro — Asa Norte

Possa alguém, de soslaio, dizer a sós com o Sóstenes: PL é retrós e atroz? Então nem tenta, que não se “sostenta”!...

Marcos Paulino — Vicente Pires

Nessa *Roda Viva* da vida sigo como *O Meu Guri*. *A Construção é permanente e Paratodos*. Apesar de *Você* afastar *O Cálice*, lembre-se sempre de ver a *Banda Passar no Cotidiano das Mulheres de Atenas*.

Marcelo Pompom — Riacho Fundo 2

Capital federal, vende-se ou aluga-se. Tratar direto com a Câmara Legislativa.

Abraão F. do Nascimento — Vicente Pires

foi por meio da logomania, na falta de respeito, quando insultou ao povo israelense. O Estado israelense, fundado em 1948 e imediatamente reconhecido pelo governo do Brasil na ocasião, nasceu da repartição da então Palestina britânica. Com orgulho foi o embaixador brasileiro Oswaldo Aranha que presidiu a sessão da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) e estabeleceu o Estado judeu. O embaixador é reverenciado até hoje pelos israelenses. Recentemente, oito países — Austrália, Reino Unido, Canadá, Itália, Suíça, Holanda, Alemanha e Finlândia — juntaram-se aos Estados Unidos na suspensão temporária do financiamento à Agência para Assistência aos Refugiados Palestinos (UNRWA), entidade que coordena a ajuda ao território palestino. O corte de verbas foi decidido em face da agência ser acusada por Israel de colaborar com o grupo terrorista Hamas. Infelizmente, o Brasil vai manter as contribuições financeiras à agência, enquanto os países ocidentais e democráticos pararam de pagar. Assim o Brasil vai na contramão, com ditaduras. É lamentável, o presidente Lula com essa postura está instituindo a Bolsa Atentado, indo na contramão do mundo civilizado.

» **Renato Mendes Prestes**

Águas Claras



CIDA BARBOSA

cidabarbosa.df@dabr.com.br

E o combate ao abuso sexual?

Nos protestos inflamados contra o PL do Aborto, uma das menções mais recorrentes foi de que o projeto, se aprovado, impactaria principalmente meninas de até 13 anos, porque elas são as principais vítimas de estupro no país. Não à toa, a proposta passou a ser chamada de PL da Gravidez Infantil. Essa informação foi repetida, a título de argumento, por vários setores da sociedade, inclusive, integrantes do Congresso e do governo contrários ao texto.

Fiquei surpresa, porque a impressão que eu tinha era de que a barbárie da violência sexual contra crianças e adolescentes ainda estava sob o manto da invisibilidade, dada a inércia quase geral no seu enfrentamento, a começar pelo Estado. Agora, ficou claro que não falta informação. Então, pergunto eu: se existe esse nível de conscientização sobre a atrocidade, por que não a combatemos efetivamente?

Somos, sim, um país assolado pela epidemia de abuso sexual contra meninos e meninas. E não é de hoje. Ano a ano, as estatísticas mostram que falhamos miseravelmente — Estado, sociedade e família — no dever de protegê-los.

O estudo mais recente foi divulgado na última terça-feira. O Atlas da Violência mostrou que, em 2022, a agressão sexual foi a principal forma de violência contra crianças e adolescentes na faixa etária de 10 a 14 anos: 49,6% dos registros no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), do Ministério da Saúde. Entre bebês e crianças até 9 anos, o patamar chegou a 30,4%

Já havia citado aqui o levantamento do Ins-

tituto Liberta, com dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública de 2022: dos estupro registrados em todo o território nacional, 61,3% foram cometidos contra menores de 13 anos. Isso significa mais de quatro meninos ou meninas abusados sexualmente por hora. E o crime tem um padrão ainda mais covarde: em 82,5% dos casos, os agressores são pessoas conhecidas e da confiança das vítimas, a maioria familiares ou parentes.

São números que dão um vislumbre da perversidade a que essa camada mais vulnerável da população é submetida rotineiramente neste país. Mesmo assim, predomina a cultura do silêncio na sociedade, como se não quisesse enxergar a dimensão gigantesca da chaga e suas consequências seríssimas.

É, obviamente, uma violência complexa de ser combatida, porque ocorre, em sua grande maioria, no ambiente doméstico. Mas justamente por isso tem de envolver União, estados, municípios, cidadãos e empresas na definição de ações de enfrentamento. A complicação do problema não pode servir de desculpa para omissão.

Vimos agora no caso do PL do Aborto a força da mobilização nacional, inclusive, com manifestações de rua organizadas muito rapidamente. Um movimento que aparenta ter sido bem-sucedido. Por que não fazemos o mesmo para pressionar o poder público a agir na proteção de crianças e adolescentes? O sofrimento de cada um deles diz respeito a todos nós.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara E se mais mundo houera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

VENDA AVULSA
Localidade SEG/SÁB DOM

DF/GO R\$ 4,00 R\$ 6,00

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8945 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anúncio
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

ASSINATURAS*
SEG a DOM

R\$ 899,88

360 EDIÇÕES
(promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE - Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFE Agência Estado e DA Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS DA

DA Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br